

Comunicação equitativa: a inclusão para além do espaço do museu

Desirée Nobre Salasar¹

Equitable communication: inclusion beyond the museum space

Introdução

Apresentada em 2022 pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) a nova definição aponta que os museus são instituições ao serviço da sociedade e que são abertos ao público, acessíveis e inclusivos. Destaca ainda, que os museus devem fomentar a diversidade e a participação das comunidades. Entretanto, embora a definição seja apenas um direcionamento para o que se pretende alcançar, muitos museus ainda têm um longo caminho a percorrer no que tange ao acesso em equidade para públicos diversos. Enquanto isso, outros podem ser considerados museus cujo exemplo devem ser seguidos.

No que diz respeito aos documentos oficiais que discutem aspectos relacionados aos museus, o papel da relação com a comunidade é destacado como um direcionamento fundamental. A Declaração de Santiago (1972) apresentou novas perspectivas de práticas nos museus, com base no desejo de que a sociedade fosse incluída numa visão conjunta do contexto material e cultural no qual estavam inseridas, apostando numa postura dialógica com um novo museu: o museu integral.

Gonçalves *et al.* (2023) destacam que

Os caminhos abertos pela Mesa Redonda de Santiago do Chile deixaram o registro de uma vontade de inclusão e acesso ao que os museus e suas práticas tinham ou podiam oferecer para o bem comum da sociedade. Essa abertura à diversidade e diferença de perspectivas acabaram sendo fortalecidas dentro do campo da Museologia desde então.

Passados pouco mais de quarenta anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 2015, na Conferência Geral da UNESCO, na 38ª Sessão de Paris, foi aprovada a “Recomendação relativa à proteção e promoção de museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade”. Este documento ressalta que o mundo está em constante mudança e, portanto, é fundamental que os museus aceitem e coloquem em prática as recomendações, estando assim, abertos a dialogar com as pessoas. No texto original é possível ler que,

Os museus são espaços públicos vitais que deveriam dedicar-se a toda a sociedade e

¹ Doutoranda em Museologia com Bolsa de Investigação da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” – Ulusófona. Bolseira FCT no âmbito do programa *Ciência do Património Cultural* (Ref. PRT/BD/155005/2023) e investigadora não doutorada do CeIED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento. Mestre em Memória Social e Património Cultural e Bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pelotas. Coordenou o grupo de estudos pós-graduados “Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural” (2021 – 2023). <https://orcid.org/0000-0002-8456-8255>, dnobre.ufpel@gmail.com

podem, portanto, desempenhar uma função importante no desenvolvimento de laços sociais e coesão, na construção da cidadania, e na reflexão sobre identidades coletivas. Os museus deveriam ser lugares abertos a todos e comprometidos com a acessibilidade física e cultural para todos, inclusive grupos desfavorecidos (UNESCO, 2015).

Este desenvolvimento de laços sociais que buscam a construção da cidadania perpassam sempre pelas questões de comunicação nos museus. Neste sentido, cabe destacar que Bruno (2020) elucida que, sendo a comunicação um dos pilares da cadeia operatória da Museologia, ela não se dará apenas através da exposição, mas também em ações educativo-culturais, que devem estar articuladas em conjunto com os procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação).

Corroborando com Maria Cristina Bruno, Cury (2006) clarifica ainda que a comunicação em museus ocorre através de diversas formas de extroversão do conhecimento, podendo acontecer através de “artigos científicos de estudos de coleções, catálogos, material didático em geral, vídeos e filmes, palestras, oficinas e materiais de divulgação e/ou difusão diversos” (Cury, 2006, p. 34).

É neste contexto citado por Cury que este artigo busca apresentar e discutir um livro multiformato desenvolvido para um museu inclusivo, com o objetivo de dar seguimento ao trabalho já desenvolvido no âmbito da inclusão de pessoas com deficiência, da sensibilização para a diversidade e da potencialidade de um museu de comunidade se identificar como um museu de todos e para todos.

Um museu de todos e para todos

Localizado no Município da Batalha, na região centro de Portugal, o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) nasceu à sombra do imponente Mosteiro de Santa Maria da Vitória, no centro histórico da Vila. Resultado de uma solicitação da comunidade à autarquia municipal, o museu iniciou seus trabalhos sete anos antes de abrir suas portas oficialmente.

Com uma equipe de profissionais e investigadores, a comunidade foi convidada a participar em todas as etapas do projeto daquele que seria o seu museu. Nas palavras da museóloga responsável

Com a ajuda da população e de especialistas, selecionámos os testemunhos que permitissem mostrar, através de peças e documentos, uma história amável e próxima, em que a realidade do passado saísse das reservas, das casas particulares, dos livros e da Torre do Tombo, para mostrar a sua face mais animada e colorida (Stoffel, 2021, p. 19).

Assim, o museu através da sua expografia propõe ao visitante uma viagem desde a formação do universo até os dias atuais, onde são contadas as histórias e tradições das gentes da Batalha. Ressalta-se, ainda, que para além da participação em todo o processo de desenvolvimento do museu, a comunidade está representada pelas vozes de alguns batalhenses no audioguia da exposição e também dentro das vitrines, uma vez que “[...] boa parte dos objetos e livros que se encontram no museu pertence à população da Batalha ou a colegas e amigos do

projeto que as disponibilizam para todos, numa atitude de solidariedade cultural que merece ser destacada” (Stoffel, 2021, p. 19).

Desta forma, o museu que tem por lema ser um “museu de todos e para todos” foi desenvolvido para ser “um museu evolutivo nas propostas, rigoroso na mensagem, amável na comunicação inclusiva e acessível para os distintos tipos de utilizadores” (Stoffel, 2021, p. 18). Esta postura reflete as palavras-chave escolhidas pela comunidade e utilizadas para a construção do museu: evolutivo, amável, rigoroso e acessível.

Segundo o museógrafo e arquiteto responsável pelo projeto do museu:

O Museu da Comunidade Concelhia da Batalha começou por uma ideia, como todos os museus na verdade. A seguir concretizou um processo sólido de museologia baseado no que hoje chamamos de Sociomuseologia. Fomos conseqüentemente confrontados com um conceito inabitual no nosso país, de mostrar uma população; mostrar a sua vivência, o seu passado, presente e seu provável futuro (Viana, 2021, p. 23)

Desta forma, na perspectiva do MCCB, em consonância com os princípios da Sociomuseologia, as pessoas devem estar em primeiro lugar, seguido pelos objetos, consistindo, portanto, num exercício político. Estes princípios, traduzidos por Britto (2021), elucidam que para a Sociomuseologia o museu está a serviço da diferença, centrado entre temas/ problemas, territorialidades/desterritorialização e protagonistas sociais/ grupos de interesse. A complementar, Primo & Moutinho (2020, p. 26) esclarecem que:

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo. [...]

Mas, afinal, o que podem fazer os museus em relação a igualdade de oportunidades entre as pessoas, no que tange o exercício da cidadania cultural para os seus públicos? Qual o papel da Sociomuseologia neste processo?

Acredita-se que a práxis da Escola de Pensamento da Sociomuseologia é um caminho para esta resposta, uma vez que reconhece que a sociedade está permanentemente em mudança. Desta forma, busca pensar Museologias que acompanhem a dinâmica social, seja através da reflexão, ou por meio de intervenções. Impulsionando novos fazeres museológicos ao serviço do desenvolvimento, a Sociomuseologia está “[...] assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica, tendo por base a interdisciplinaridades com as demais áreas do conhecimento” (Primo & Moutinho, 2020, p. 21).

Por consequência, para cumprir o seu lema e ir ao encontro das pessoas, o MCCB foi planejado e desenvolvido para priorizar o uso coletivo ao uso individual, porém sem esquecer das especificidades de alguns públicos. É neste contexto que se aplica o conceito de Desenho Universal, desenvolvido por Ronald Mace em 1987 na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos da América.

Segundo Garcia, Mineiro & Neves (2017, p. 39) o conceito de Desenho Universal é baseado na “conceção de todos os produtos, serviços e ambientes, de modo que sejam usáveis pelo maior número possível de pessoas – independentemente da idade ou condição de saúde”. Para tal, pressupõe sete princípios: uso equitativo, uso flexível, uso simples e intuitivo, informação de fácil percepção, tolerância ao erro, esforço físico mínimo e dimensionamento dos espaços para uso abrangente. Estes princípios, quando implementados, contemplam recursos de acessibilidades na comunicação, no espaço físico, nas atitudes. No caso do MCCB também são norteadores para os programas desenvolvidos pelo Serviço Educativo.

Figura 1: Princípios do Desenho Universal



Fonte: desenvolvido pela autora a partir de Garcia; Mineiro; Neves (2017)

A comunicação equitativa no MCCB

Historicamente grupos sócio-acêntricos, ou seja, pessoas com pouca (ou nenhuma) representatividade social, econômica e política (Ferreira, 2012) - onde também estão inseridas pessoas com deficiência - são excluídos do exercício da cidadania cultural. Entretanto, conforme já foi referido anteriormente, nas últimas décadas têm havido um movimento para que os museus desenvolvam ações e recursos para a inclusão destes públicos, garantindo assim a fruição, a participação, a expressão e a produção de cultura em seus espaços.

Com base numa perspectiva sociomuseológica, o MCCB reflete a sua preocupação em ser um museu onde o princípio da equidade é uma estrutura basilar. Desde o embrião do projeto deste museu as questões relacionadas à comunicação para todos intenta ser uma experiência inclusiva, mas de uma forma discreta e efetiva (Neves, 2021).

Embora os recursos disponibilizados no museu tenham sido planejados para públicos específicos, ele encontram-se à disposição de todos os visitantes, conforme afirma a responsável pelo programa de acessibilidade:

Embora apresente soluções abertamente direcionadas para públicos com necessidades específicas é filosofia deste Museu ser inclusivo de forma discreta e efetiva, permitindo que os mesmos recursos e serviços possam ser fruídos por pessoas com ou sem deficiência. Só assim se entende

que este seja “um museu de (e para) todos”
(Neves, 2021, p. 29).

Assim, contemplando os sete princípios do Desenho Universal, o MCCB disponibiliza os seguintes recursos: vaga de estacionamento privativa em frente à entrada do museu, trilho podotátil para pessoas com deficiência visual, livre circulação sem desníveis, mobiliário ergonômico, elevador, espaço para cão-guia, banheiros adaptados, bancos fixos e móveis para descanso e maior conforto durante a visita. No âmbito dos recursos de acessibilidade comunicacional há audioguia em quatro línguas diferentes (português, inglês, espanhol e francês) com audiodescrição, vídeoguia com Língua Gestual Portuguesa, materiais em fontes ampliadas, braille, textos com linguagem simplificada, brochuras em pictogramas, peças originais e réplicas para tocar e recursos de acessibilidade para pessoas com baixa visão utilizarem os equipamentos multimídia.

Figuras 2 e 3: Recursos inclusivos no MCCB



Fonte: acervo da autora, 2024.

Para além dos recursos supracitados o serviço educativo do museu também contempla diversas atividades de sensibilização para a diversidade, em parceria com diferentes instituições. Assim, tanto os recursos que são disponibilizados no museu, quanto as atividades desenvolvidas pela equipe primam pelo princípio da equidade.

A comunicação equitativa é, portanto, um meio de promoção de justiça social, onde as diferentes formas de comunicar permitem que a igualdade de oportunidades seja colocada em prática.

É neste contexto que se insere o projeto do livro multiformato para o MCCB, que contempla a comunicação equitativa e os princípios da Sociomuseologia, bem como as palavras chave do MCCB.

Livro multiformato: uma proposta de comunicação equitativa para o MCCB

Assim como as exposições dos museus têm o poder de abrir janelas para o passado, presente e o futuro, os livros também são pontes para a imaginação. Os autores Freitas *et al.* (2021, p. 76) reforçam que “todas as crianças precisam ter acesso aos livros e aos encantamentos que eles provocam”. Entretanto, conforme verificaram Castellini *et al.* (2021) ainda há pouca produção e discussão sobre livros em multiformato, ou seja, livros que sejam de fato, inclusivos e que beneficiem ao maior número de crianças possíveis, garantindo assim o respeito à diferença.

O conceito de livro multiformato defendido neste artigo é o desenvolvido no Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) do Instituto Politécnico de Leiria, que corresponde à
[...] livros impressos, que reúnem num único exemplar, texto aumentado, braille, imagens

em relevo (para crianças cegas ou com baixa visão), pictogramas (para crianças com incapacidade intelectual ou limitações de outra natureza), com um código Quick Response (QR) que remete para um site onde os livros estão disponíveis nas versões audiolivro e videolivro - Língua Gestual Portuguesa – para crianças surdas (Sousa, 2018, p.17).

Castelini *et al.* ainda complementam que

Nesta perspectiva, compreende-se que ao disponibilizar múltiplos modos e formatos de acesso aos conteúdos apresentados nos livros em multiformato, oportunizam-se experiências diferenciadas, permitindo que os leitores explorem os conteúdos em múltiplos formatos, fomentando meios flexíveis para construir o conhecimento de diferentes formas e sob diversas perspectivas (Castelini *et al.*, 2021, p. 59).

A origem do projeto se encontra no desejo que a equipe do museu tinha em ter um livro infantil que desse a conhecer o museu e que instigasse as crianças de uma forma lúdica. Ao mesmo tempo, a preocupação do MCCB com a comunicação para todos deveria ser valorizada, dando seguimento assim, as palavras-chave (já referidas anteriormente) que desde o início do projeto deste museu, norteiam suas atividades.

O projeto piloto, criado em 2015, aquando do Estágio em Acessibilidade Cultural realizado pela autora deste trabalho com financiamento do Edital Conexão Cultura Brasil – Intercâmbios do Ministério da Cultura brasileiro, desenvolveu a história em quadrinhos de Matilde, uma menina que ao fazer uma visita ao MCCB deparava-se com o próprio acervo do museu a fazer-lhe a mediação. O projeto foi bem recebido pela gestão da cultura do Município da Batalha naquela época, porém não foi concretizado.

Tendo a autora regressado à Batalha e ao MCCB em 2021 para o seu doutoramento, levantou-se novamente a proposta de um livro para o museu, mas que fosse em multiformato, para ir ao encontro também dos recursos de acessibilidade que o próprio museu já disponibiliza. Assim, após a aprovação do projeto pela Vereadora da Cultura do Município – e responsável pelo museu – foi iniciado o trabalho em abril de 2022.

O conceito estrutural na base do livro multiformato é o de Desenho Universal, já apresentado anteriormente, ou seja, um único produto que possui diferentes formas de comunicar para alcançar a públicos diversos.

A produção de um livro multiformato também entra em consonância com a Agenda 2030 da ONU, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis número 4 (educação de qualidade) e número 10 (redução das desigualdades). Freitas *et al.* (2021), Castelini *et al.* (2021) e Sousa (2018) destacam a relevância de livros multiformato para proporcionar às crianças com deficiência, desde pequenas, experiências inclusivas e equitativas que possibilitem com que elas possam conhecer melhor o contexto em que vivem, bem como abrir janelas para novos mundos e possibilidades. A acessibilidade, neste contexto, garante o exercício de cidadania cultural para estas crianças.

A garantia do direito à educação, à cultura e a acessibilidade está prevista na Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, na qual Portugal é país signatário. A Constituição da República Portuguesa, de 1976, também prevê o acesso à educação, à cultura, ao património e

a não discriminação das pessoas. Por fim, ressalta-se aqui que a proposta do livro infantil multiformato é que este possa ser lido por todas as crianças, mas ele é especialmente pensado e construído para garantir o acesso ao conteúdo para crianças cegas ou com baixa visão, crianças surdas, neurodivergentes, em situação de imigração que estão a aprender o português, entre outras situações (Castelini *et al.*, 2021, p. 79). É neste contexto que a seguir apresentar-se-á o livro multiformato desenvolvido para o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.

Saltos no tempo: uma visita especial ao MCCB

No encontro das práticas de comunicação para todos no MCCB, um livro multiformato para um museu é, neste contexto, percebido como uma práxis pedagógica de educação para o património mais inclusiva.

O desenvolvimento deste tipo de livro é um processo complexo, que envolve um grande número de pessoas com diferentes saberes, especializados ou não.

Quanto aos profissionais com saberes especializados, Freitas *et al.* (2021), ao abordarem os caminhos para o desenvolvimento de um livro multiformato infantil, já destacavam que uma equipe multidisciplinar com áreas distintas, porém afins, permite uma melhor proposição no uso de diferentes materiais e suportes inovadores para serem utilizados neste tipo de produto.

No que diz respeito aos saberes não especializados, neste projeto foram materializados através das ilustrações do livro, criadas por crianças residentes no Concelho da Batalha.

Assim, seguindo o conceito desenvolvido pelo CRID, o livro multiformato do MCCB dispõe dos seguintes recursos de acessibilidade: texto formatado em linguagem simples, sistema pictográfico para a comunicação, braille, audiolivro, audiodescrição e vídeo livro com língua gestual portuguesa e legendas.

O texto, que já existia em função do projeto do livro de história em quadrinhos já referido, foi adaptado para o novo formato e revisado tanto ao nível de conteúdo, quanto ao nível do português brasileiro para o português europeu pela equipe do museu.

O processo de reescrita do texto seguiu os princípios do Método Ekarv de escrita simples (Ekarv, 1994), que tem como foco tornar o texto mais claro, conciso e objetivo através de uma escrita menos impessoal.

Na etapa seguinte, o texto foi adaptado para o sistema pictográfico para a comunicação (SPC), que segundo Garcia, Mineiro & Neves (2017, p. 40) são “compostos por pequenos desenhos codificados (pictogramas) que se referem aos principais conceitos a transmitir”. Neste caso, foram utilizados tanto símbolos já convencionados pelo sistema pictográfico para a comunicação, como imagens do acervo do próprio museu.

Concomitante a este trabalho foi lançado um concurso para que as crianças de 8 a 12 anos residentes no Concelho da Batalha fizessem as ilustrações do livro.

As crianças interessadas em participar, deveriam ir ao museu, sortear um tema e tinham livre acesso ao espaço para desenvolverem os seus trabalhos. Ao Agrupamento de Escolas da Batalha também foi solicitado apoio de professores de artes visuais para trabalharem com estes temas em suas aulas. O concurso contou com um painel de seis jurados representantes do Município, do museu, do CRID e dos apoiadores Casa do Mimo e Agrupamento de Escolas da Batalha, bem como da autora. Dos quarenta e nove desenhos enviados ao museu, foram selecionadas dez ilustrações para o livro. Os desenhos que não foram selecionados permaneceram em exposição no Laboratório de Memória Futura do MCCB durante o mês de dezembro de 2022.

É relevante destacar que a opção pelo concurso de ilustrações com crianças também foi um processo onde se buscou dar destaque à diversidade humana, neste livro representada pela figura da Matilde. A menina, personagem principal, vai conduzindo a compreensão dos conteúdos do livro para as crianças leitoras, sendo ela própria uma criança também, caracterizando-se, de certa forma, como um alter ego. Como na vida real, a cada página Matilde aparece de uma forma diferente, às vezes loira, às vezes morena, com cabelos curtos ou compridos, lisos ou encaracolados. A ideia por trás da diversidade de cada desenho é justamente

ilustrar que ser diferente é o que nos faz semelhantes uns aos outros, conforme argumenta o sociólogo Zygmund Bauman (1999).

À Casa do Mimo, Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) da Batalha que apoia pessoas com vários tipos de deficiência, foi feito um convite para ilustrarem a capa do livro, bem como uma ilustração para o miolo, proporcionando assim o protagonismo de jovens com deficiências neste processo e o respeito pelo lema “Nada sobre nós, sem nós”.

Com todas as ilustrações já selecionadas, iniciou-se o processo de elaboração do roteiro de audiodescrição (AD). Neves (2011, p. 13) conceitua a AD como “a arte de traduzir, através de uma narrativa descritiva ou outras técnicas verbais, mensagens visuais não perceptíveis [...]”. Ou seja, é através do recurso de audiodescrição que as crianças com deficiência visual terão acesso às ilustrações do livro. O roteiro contou ainda com a revisão de um consultor com deficiência visual que trabalhou em conjunto com a roteirista.

Importa referir ainda que a AD, embora tenha um público específico, também beneficia outros públicos, como por exemplo, crianças com dislexia ou neurodiversas.

Após a finalização do roteiro de AD, foram iniciadas as gravações no estúdio do Instituto Politécnico de Leiria, das versões audiovisuais do livro: audiolivro, audiodescrições e videolivro em Língua Gestual Portuguesa.

Para Freitas *et al.* (2021) “a narração de histórias enquanto entrada para o mundo da imaginação e do sonho faz parte do contexto literário cultural e social do universo infantil, que deve ser permitido a todas as crianças [...]” (p. 83).

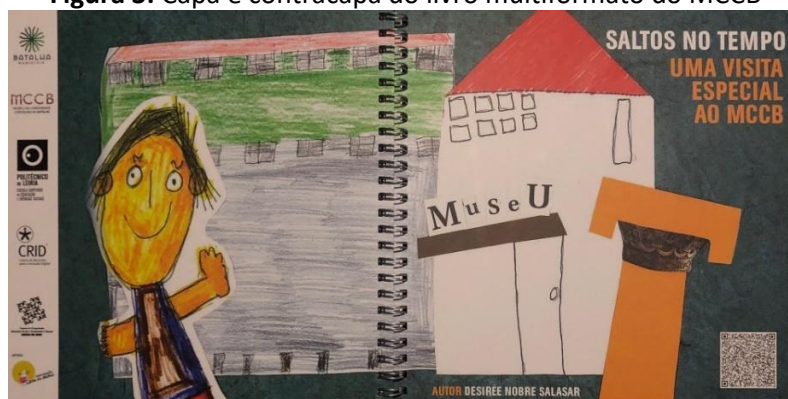
Portanto, para tornar o audiolivro também atrativo às crianças, a locução foi feita por três vozes diferentes, uma menina para ser a Matilde, uma atriz para a narração e um ator para os diferentes personagens do museu. A estas vozes soma-se mais uma voz feminina para a descrição das imagens, de modo a facilitar a percepção da criança que está ouvindo.

Ao mesmo tempo em que as etapas acima referidas estavam acontecendo, solicitou-se à equipe do MCCB que fossem criados os QR Codes para integrarem o livro, uma vez que é através deste recurso que o conteúdo audiovisual fica acessível aos leitores.

Para alojar o conteúdo audiovisual, optou-se por criar uma “aba” no site do próprio museu, intitulada “livro multiformato”² que também pode ser acessada por aqueles que desconhecem o livro físico e/ou que estão visitando o site da instituição.

Enquanto este processo estava a ser realizado, o livro visual (pictogramas e o texto) era montado no CRID. Após a finalização destas etapas, o protótipo foi enviado digitalmente à autora, à equipe do MCCB e a Vereadora da Cultura para aprovação. Tendo sido aprovado, o protótipo seguiu para impressão à tinta numa gráfica, regressou ao CRID para a impressão em braille individualizada e retornou à gráfica para encadernação.

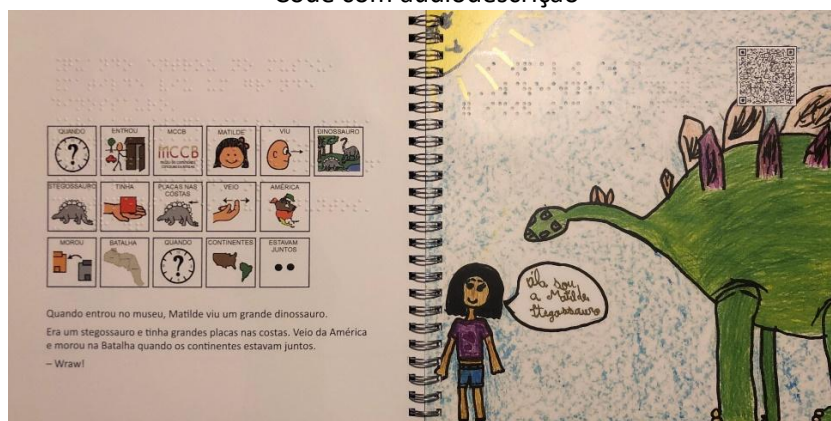
Figura 3: Capa e contracapa do livro multiformato do MCCB



Fonte: acervo da autora, 2023.

² O conteúdo audiovisual do livro pode ser acessado em: <https://museubatalha.com/pt/recursos-de-acessibilidade-livro-multiformato>

Figura 4: Uma das páginas do livro multiformato do MCCB com recurso de braille, SPC e QR Code com audiodescrição



Fonte: acervo da autora, 2023.

Oito meses após o início do projeto, o lançamento do livro ocorreu no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, 3 de dezembro, numa solenidade no museu. Passados cinco meses do seu lançamento, em maio de 2023, “Saltos no tempo: uma visita especial ao MCCB” foi premiado pela Associação Portuguesa de Museologia, na categoria Edições, sendo reconhecido como o primeiro livro multiformato de um museu em Portugal.

Reflexões a partir da prática

Um livro multiformato é um recurso que pode ser utilizado de muitas formas, consoante ao objetivo que se pretende.

O primeiro objetivo é assegurar o exercício da cidadania e o direito à leitura para as crianças com deficiência, corroborando com o que Freitas *et al.* (2021) destacam, que “o livro é um artefacto muito importante da nossa cultura e o acesso à história não pode ser restrito às crianças alfabetizadas [...]” (p. 91). As autoras Castelini *et al.* (2021) e Freitas *et al.* (2021) destacam a importância da oferta de livros multiformato, uma vez que ainda são produtos pouco difundidos e com pouquíssima oferta, tornando o seu acesso, ainda, muito restrito e pontual. Sem os livros multiformato, muitas crianças e jovens com deficiência ficam sem oportunidade de igualdades com as demais crianças.

O segundo objetivo é a afirmação da missão e do lema do MCCB, ratificando sua postura de ética inclusiva, que mesmo após treze anos de abertura ao público, continua desenvolvendo ações e produtos que buscam incluir o maior número de pessoas possíveis. Assim, os mesmos recursos encontrados no livro multiformato também estão disponíveis no museu, podendo, desta forma, serem feitas atividades de mediação utilizando ambos recursos, em conjunto, de forma complementar.

Neste contexto o serviço educativo do museu também poderá ampliar as atividades inclusivas já existentes utilizando os recursos do livro, como por exemplo jogos inclusivos com os pictogramas.

Um terceiro objetivo acredita-se que seja a utilização como uma estratégia pedagógica que viabiliza o processo de inclusão como prática para a formação de público. Um livro cujo tema é uma visita guiada ao museu e que o apresenta de uma forma lúdica e interativa, além de aproximar os leitores da história do território do Concelho da Batalha, também os instiga para conhecer os personagens e os recursos que fazem parte daquela narrativa. Despertando assim, o desejo de conhecer ou (re)visitar o museu. E neste contexto, importa lembrar que uma criança nunca fará uma visita sozinha, levará sempre alguém com ela.

Em diálogo com os recursos inclusivos do museu e com a sensibilização da equipe, o livro multiformato “Saltos no tempo: uma visita especial ao MCCB” veio agregar mais possibilidades de interlocução e mediação.

Importa referir que desde o seu lançamento o livro já foi apresentado para mais de cem crianças e jovens no Concelho da Batalha. Alguns exemplos importantes de serem referidos aconteceram na XXª Feira do Livro e do Jogo da Batalha, e posteriormente dentro do próprio museu, onde foi possível sensibilizar crianças e jovens de diferentes idades para a diversidade e as diferentes formas de comunicar.

Após a exibição do vídeolivro, em todas as ocasiões perguntou-se se aquele era um livro apenas para pessoas com deficiência e a resposta era sempre que não, pois independente de serem ou não crianças com deficiência, todos diziam ter gostado de ver e ouvir o livro. Neste cenário foi possível esclarecer muitos mitos relacionados às deficiências. Como por exemplo: o que é autismo?, ou que “a LGP é para os surdos-mudos” “como as pessoas cegas e surdas se comunicam?”.

Estas questões levantadas por crianças trazem muitas reflexões, principalmente acerca do capacitismo³ estrutural e como ele é passado de geração para geração. Quando se aponta que as falas das crianças reproduzem essa estrutura opressora, o que está por trás disso é a falta de diálogo em casa, nas escolas, nos museus, em diferentes espaços do cotidiano. Esse diálogo deve ser fomentado desde cedo, esclarecendo a potencialidade que representa o encontro com a diversidade. Uma criança que usa o termo “surdo-mudo”, não o inventou do nada. Com certeza ouviu em algum momento alguém falar assim e por isso o reproduz.

Em pleno 2024, com tantas legislações europeias e portuguesas, a sociedade ainda continua a tratar pessoas com deficiência como “incapazes”, pois a pouca representatividade social, econômica e política ainda traz muita invisibilidade e desconhecimento.

Portanto, é preciso seguirmos a falar do básico e não desistir de sensibilizar as pessoas. Principalmente as crianças! O livro multiformato é um vetor que auxilia na ruptura destas bolhas capacitistas, explicando que existem diferentes formas de comunicar e que todas elas podem (e devem) estar juntas.

O outro lado da questão também é fundamental, ou seja, dar suporte para o empoderamento de crianças e jovens com deficiência para conhecerem e lutarem pelos seus direitos. O capacitismo pode manifestar-se de muitas formas e esta reprodução de atitudes capacitistas afetam as pessoas com deficiência de formas diretas e indiretas.

Quando um museu, continua ignorando que pessoas com deficiência também são contribuintes e que também gostariam de frequentar estes ambientes culturais, não percebem a importância dos recursos de acessibilidade para a inclusão destes públicos. Ou quando os trabalhadores da cultura são pessoas com deficiência e não conseguem desenvolver o seu trabalho porque o ambiente não está adaptado para corpos não normativos. Esta é uma forma estrutural de reprodução do capacitismo que irá afetar diretamente pessoas com deficiência, pois certamente enfrentarão barreiras caso apareçam nestes espaços. E estas barreiras tanto podem ser nas atitudes, na comunicação ou no espaço físico.

Estas atitudes e ações também podem atingir indiretamente a vida de muitas pessoas, pois ao serem tão estigmatizadas e pré-julgadas, muitas acabam por internalizar estes discursos de que realmente são “incapazes” e que não são “dignas” de frequentar os espaços, fechando-se em casulos e mantendo-se segregadas. É, por isso, um processo estrutural que se perpetua desde a idade antiga até os dias atuais.

Desta forma, entendendo que os museus não são espaços neutros e que cada vez mais estas instituições têm discutido os diferentes problemas sociais enfrentados pela sociedade, entende-se que também papel dos museus fomentar ações anticapacitistas, sendo um espaço de referência e promoção da diversidade humana.

³ Capacitismo é um preconceito social em razão da deficiência de uma pessoa.

Entender que a comunicação equitativa é um conceito chave para uma mudança de mentalidades que está enraizada no capacitismo estrutural é o principal fator para que mais projetos como o do livro multiformato do MCCB possam ser replicados.

E neste sentido, “Saltos no tempo: uma visita especial ao MCCB” tem sido uma importante ferramenta de mediação de comunicação equitativa, pois além de garantir o acesso a quem, por muito tempo, não o tinha, ao mesmo tempo tem sido usado para sensibilizar para o aprendizado de que a diferença não é algo feio, mas sim a maior riqueza das pessoas. O papel do MCCB na divulgação do livro, bem como em sua utilização em atividades propostas pelo serviço educativo são essenciais para que a aproximação com a comunidade continue a frutificar ações inclusivas.

A utilização do livro pelas crianças com e sem deficiência, juntas, num único exemplar é para um museu a melhor forma de ser: evolutivo nas propostas, rigoroso na mensagem, amável na comunicação inclusiva e acessível aos distintos tipos de utilizadores.

Pontua-se, para concluir, que um museu de todos e para todos não se faz apenas de recursos e produtos inclusivos. Um museu de todos e para todos só é possível através das pessoas e quando se mantém vivo em sua missão, com um trabalho constante em conjunto com a comunidade.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência: Pós-modernidade ou vivendo com a ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Britto, C. C. (2021) *As palavras continuam com os seus deslimites: reflexões sobre Sociomuseologia e linguagem de especialidade*”. In Primo, J. & Moutinho, M. (Eds). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p. 39-63.
- Bruno, C. (2020). *Museologia: entre abandono e destino*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 19-28.
- Castelini, A. L. O., Sousa, C. M. A. O. A., Sanfelice, G. R. & Cardoso, E. (2021). In In Sousa, J., Freire, C., & Mangas, C. (Eds). *Caminhos para uma sociedade mais inclusiva*. Coimbra: Almedina, p 53.- 73
- Cury, M. X. (2005) *Exposição – concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume Ed.
- Ekav, M. (1994). *Combating redundancy: writing texts for exhibitions*. In Greenhill, E. H. (ed.). *The educational role of the museum*. London: Routledge.
- Ferreira, R. A. (2012). *Etnomídia e a interface com o politicamente correto*. *Revista Extraprensa (USP)*.
- Freitas, C. R, Cardoso, E., Tezzari, M. L., Assis, M., Santos, I. B., & Oppermann, G. L. (2012). *Livro infantil multiformato*. In Sousa, J., Freire, C., & Mangas, C. (Eds). *Caminhos para uma sociedade mais inclusiva*. Coimbra: Almedina, p. 75 – 93.
- Garcia, A., Mineiro, C. & Neves, J. (2017). *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade, Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural (DGPC) & Instituto do Turismo de Portugal, Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/guia_comunicacaoacessivel_inclusiva.pdf
- Gonçalves, R., Grião, C., Salasar, D., Passos, K., Pola, C., & Dorneles, P. (2023). *Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural: provocações contemporâneas a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile*. *Cadernos De Sociomuseologia*, 65 (21), 87-100.
- ICOM. *Nova definição de Museus*. (2022). <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- Neves, J. (2021). *O Museu de todos*. In Município da Batalha. *Passado, presente e futuro do Concelho da Batalha. Catálogo do MCCB* (pp. 29-32). Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.

- Primo, J. & Moutinho, M. (2020). Referências teóricas da Sociomuseologia. In Primo, J. & Moutinho, M. (Eds). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p. 17-34.
- Sousa, C. M. (2018) *E se entrasse numa livraria e pedisse um livro multiformato?* III Encontro sobre Inclusão em Contexto Escolar. Rumo a uma escola inclusiva de 2ª. Geração. IPL. [Disponível em: <http://eventos.ccems.pt/inclusao/userfiles/File/Apresentacoes2018/CeliaSousa.pdf> , consultado em 17/03/23]
- Stoffel, A.M. (2021). O programa museológico. In Município da Batalha. *Passado, presente e futuro do Concelho da Batalha. Catálogo do MCCB* (pp. 13-22). Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.
- Unesco (2015) <http://catedraunesco.ulusofona.pt/recomendacao-museus-e-colecoes-2015/>
- Unesco. (1972). Declaração de Santiago. Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ICOM. [Disponível em: <http://catedraunesco.ulusofona.pt/declaracao-santiago/> , consultado em 17/03/23]
- Unesco. (1984). Declaração de Québec. ICOM. Disponível em: <http://catedraunesco.ulusofona.pt/declaracao-do-quebec-1984/> Consultado em: 27/12/22.
- Viana, A. (2021). O projeto museográfico. In Município da Batalha. *Passado, presente e futuro do Concelho da Batalha. Catálogo do MCCB* (pp. 23-28). Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.